

Genaro (1926-1971)

Sem chegar a recobrar a consciência dez dias depois de uma hemorragia cerebral (VEJA n.º 147, de 30-6-71), morreu no Pronto-Socorro Atemde, de Salvador, às 11h58 do dia 2, o pintor e tapeceiro **Genaro de Carvalho**, 45 anos (velado na Escola de Belas-Artes e sepultado na manhã de sábado, vestido de branco, porque era ogã).

Desde os quatro anos de idade, Genaro parecia destinado a uma carreira de pintor. Nessa idade pintou uma tampa de caixa de charutos Suerdieck com azul de metileno e colou sobre ela um recorte da embalagem do Tônico Glefina, dizendo ao pai: "É a ilha de Itaparica". Ainda menino, usava escondido a tinta e os pincéis do pai — um comerciante de Gamboa de Cima, em Salvador, que gostava de pintar paisagens. No Rio, estudando no Colégio Andrews, acabou matriculado no curso de desenho da Sociedade Brasileira de Belas-Artes. Seu nome aparecia ligado aos de Mário Cravo e Carlos Bastos nos movimentos antiacadêmicos de artistas baianos e em 1945 realizou a sua primeira exposição individual na Associação Brasileira de Imprensa, no Rio de Janeiro. De suas telas brotavam pássaros, girassóis, borboletas, peixes, folhagens, jardins, em composições que lembravam bastante uma fantástica paisagem tropical.

Em 1948 foi premiado com uma bolsa do governo francês para estudar na Escola Nacional de Belas-Artes de Paris (onde foi aluno de André Lhote). Essa viagem à Europa ia revelar a sua verdadeira vocação. Fascinado pelas tapeçarias expostas nas galerias do Quartier Latin, ele começa a transpor em 1950 as figuras das suas telas para a trama de fios do estilo de tapeçaria conhecida por "basse lisse" (tela de fios verticais, dando apoio para o fio horizontal, de lã, desenrolado de uma naveta à maneira que se tece). Sua primeira tapeçaria indicava pelo próprio título, "Plantas Tropicais", o obsessivo tema do pintor, e media 1,80 x 1,50 m. Dêsse momento em diante, o pintor Genaro de Carvalho passava sem saber a servir ao tapeceiro Genaro de Carvalho. Para a composição de seus tapêtes pintava antes uma tela a óleo de 46 centímetros por 38, e depois ampliava as figuras passando-as para a grande folha de papel colocada atrás dos fios de urdimento do tapête.

Quando voltou ao Brasil em 1951, o artista que prometia ser um grande pintor chegava com as perspectivas da grande tapeçaria. Pessoalmente, Genaro ain-



Genaro: tela foi amor; tapête, vocação

da não estava convencido disso, mas, ao passar por Salvador em 1954, o famoso tapeceiro francês Jean Luçart parou entusiasmado diante do painel de 200 metros quadrados do hotel da Bahia: a composição do mural mostrava no seu autor um tapeceiro nato, e ele queria levá-lo para seu atelier de Saint Céré-Lot, na França. Genaro não aceitou o convite, mas as sugestões de Jean Luçart foram decisivas para a aceitação da sua nova arte, embora sem jamais renunciar à pintura. Genaro de Carvalho frequentemente se irritava com a crítica, que dedicava sempre maiores elogios para o tapeceiro. Foi essa irritação que levou Genaro a sentir-se mal na terça-feira, dia 22 de junho, no Rio de Janeiro, ao verificar que os críticos atraídos pela sua exposição na Petite Galerie lamentavam não enxergar nas côres da sua pintura o relêvo que ele parecia reservar para fôrça decisiva da sua tapeçaria. Autor de mais de 2 000 quadros, Genaro tomou o avião para a Bahia inconformado com o pouco entusiasmo despertado pelas mulatas deitadas em suas telas. As mesmas mulatas que mais tarde certamente mereceriam elogios entusiasmados quando aparecessem deitadas nas suas tapeçarias.

Indicado: o sociólogo **Gilberto Freyre**, 71 anos, para o prêmio Nobel de Literatura (seu nome já fôra lembrado em 1947 e em 1970); conforme comunicado da embaixada da Suécia recebido pelo sociólogo dia 2; elevando para três os pernambucanos indicados êste ano para

o prêmio Nobel (os outros dois são o dermatologista Jorge Lôbo, Medicina, e o cientista Osvaldo Gonçalves, Química).

Anulada: "Graças a Alá" (no dizer do beneficiado), a sentença de cinco anos de prisão atribuída ao lutador **Cassius Clay**, 29 anos, por se negar em abril de 1967 a prestar serviço militar alegando proibição religiosa (tornara-se maometano e adotara o nome de Muhammad Ali); dia 28, pela Côrte Suprema dos EUA, por oito votos a zero, tendo em vista casos antecedentes de "objeção de consciência"; o que o deixa livre para lutar contra Jimmy Ellis no próximo dia 26; preparando-se para a revanche, em 1972, contra Joe Frazier, que o venceu em março.

Morreram: Sir **Lawrence Bragg**, 81 anos, prêmio Nobel de Física em 1915 com 25 anos (o mais jovem premiado até hoje); dia 2, de uma síncope, em Ipswich, Inglaterra;

● O diretor de cinema americano **Herbert J. Biberman**, 71 anos ("O Sal da Terra", proibido nos EUA); um dos dez cineastas de Hollywood acusados de atividade antiamericana ao tempo das investigações do senador McCarthy (estêve prêso seis meses em 1950); dia 1.º, de câncer, em Nova York;

● Os jogadores da Seleção da Bulgária **Gueorgui Asparukov**, 28 anos (disputou as três últimas copas e jogou contra o Brasil na de 1966, na Inglaterra), e **Nicola Todorov Kotuov**, 33 anos (quinze jogos na Seleção e quatro na equipe olímpica); dia 30, em desastre de automóvel, em Sófia;

● **Murilinho de Almeida**, 47 anos, o antigo cantor de boates da grande fase do "café-society" carioca (Vogue, Sacha's e Jirau, 1950-1960); dia 29, na Guanabara, de cirrose;

● O criminoso de guerra nazista **Franz Stangl**, 63 anos, responsável pela morte de 18 000 doentes mentais em um hospital na Áustria, em 1941, e de 400 000 judeus no campo de concentração de Treblinka, na Polônia, de 192 a 1943; dia 28, de uma síncope cardíaca, na prisão de Dusseldorf, Alemanha, onde cumpria pena de prisão perpétua desde dezembro de 1970; depois de descoberto pela polícia paulista em 1967;

● **Alexei Isayev**, 62 anos, projetista dos foguetes e motores das cosmonaves russas Vostok e Voshakol, e da cosmonave tripulada Soyuz-Salyut; segundo notícia publicada no comêço da semana passada pelo jornal "Izvestia", sem contudo indicar o dia nem a causa da morte.

e desconcertantes como Millôr Fernandes e Juarez Machado. Para ela, a comunicação por meio do desenho, da pintura, é sempre intermediária entre a ironia e o lirismo, "tudo em doses equilibradas como uma receita de bôlo: nem com poesia demais, senão açucara, nem ironia aos quilos, porque senão o sorriso se apaga e só fica a amargura de uma constatação filosófica. Eu me esforço por atingir êsse meio-térmo, e espero que em Milão entendam o meu recado tão brasileiro".



Isabel Pons: depois dos prêmios, um renome internacional a defender

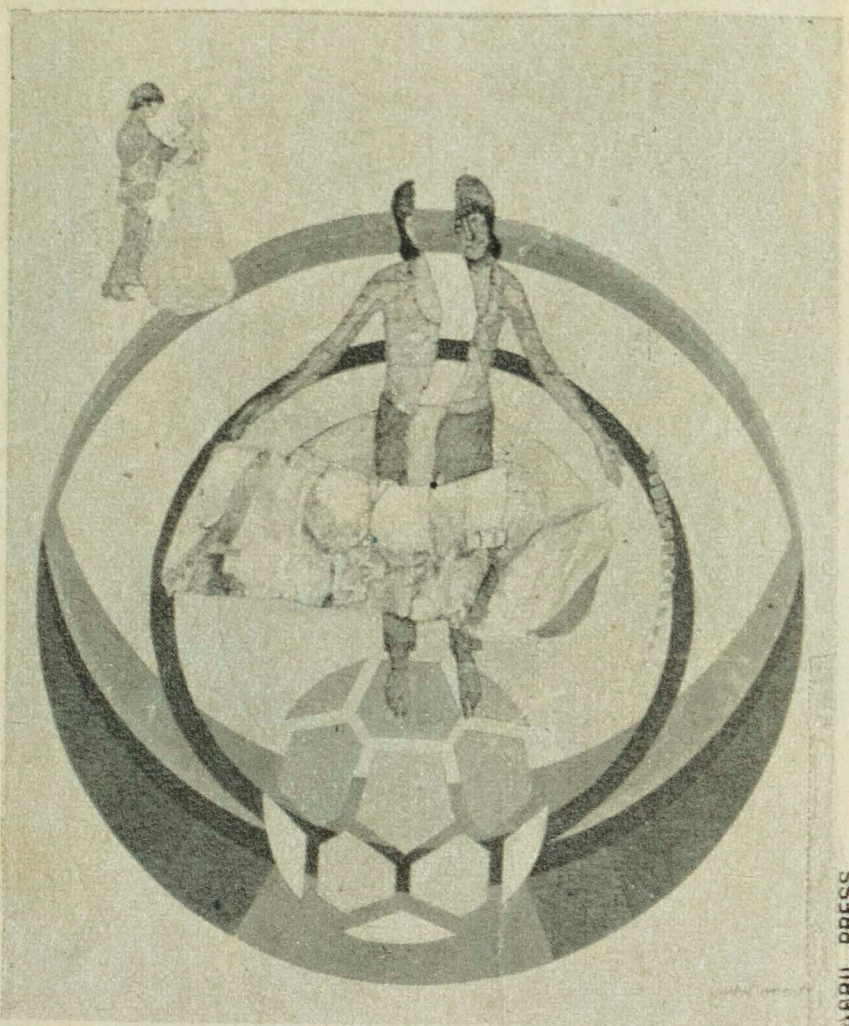
Erros da prensa

Quando era criança, a pequena Isabel sentou-se no colo do jovem poeta Federico García Lorca, de quem mais tarde ilustraria um livro de poemas. Em 1948, viajando pelo Brasil como turista, sentiu uma paixão que ela classifica de "irremediável" pelo Rio de Janeiro, "e que me deixou prostrada como São Paulo no caminho de Damasco. E fui ficando, até que me naturalizei brasileira". Para o Brasil, a gravadora Isabel Pons (aluna de Friedlaender no Museu de Arte Moderna do Rio em 1959) trouxe prêmios importantes de tôdas as mais severas bienais de gravura. Prêmio Fiat na XXXI Bienal de Veneza, medalha de ouro na I Bienal Interamericana do México, primeiro prêmio da Bienal de Gravura de Cracóvia e melhor gravador nacional na Bienal de São Paulo de 1961, Isabel Pons ampliou muito suas atividades artísticas. Desenhou os figurinos para o filme franco-brasileiro "Orfeu da Conceição", criou vestidos para desfiles de modas da Fenit, fêz retratos de senhoras da sociedade carioca. Nesta exposição atual, entretanto, Isabel Pons aliou à extensão excessiva de sua versa-

tilidade artística o equívoco da prensa.

Temática esgotada — É uma exposição que foi organizada comprovadamente com sobras de trabalhos executados desde 1965 com reproduções de obras antigas como "Peças de Museu" (prêmio Aquisição da X Bienal). É pena, porque Isabel Pons sempre se caracterizara pelo cuidado na organização de suas mostras, pela excelente inventividade gráfica e também pelo domínio técnico extraordinário.

Neste apanhado de criações reunidas sem um critério rigoroso, as gravuras melhores conservam a técnica, mas insistem numa temática já esgotada pela artista em fases anteriores. "Portão Imaginário" nada mais é do que uma versão renovada de "Claustro", uma das gravuras mais marcantes de tôda a sua car-



Desenho de Isabel: tentativa pop

reira, executada em 1966. "São Marco" repete a monumentalidade de obras como "Navios Submersos", sem adicionar nada de nôvo. "Pássaro e Fonte", volumes maciços, retangulares, sobrepostos uns aos outros, com côres moderadas e estruturas trabalhadas em quadrado ou em xadrez, num delicado baixo-relêvo, igualmente pertence à fase em que Isabel Pons harmonizava formas geométricas com uma sensibilíssima utilização da côr, há dez anos.

As gravuras novas reintegram a figura humana, mas sua inspiração aproxima-se da arte pop americana, sem criatividade pessoal que a diferencie por exemplo das pesquisas de Maria Helena Chartuni em suas telas-objetos sôbre os campos de concentração nazistas. "Na Corda Bamba" mostra diante de uma superfície esverdeada (um lago?) uma multidão nua e perplexa, reunida em grupos acovardados e tímidos; "Censurado" lembra um cartaz de propaganda da peça "Hair", com uma fila de pessoas sem roupa, mas com os órgãos sexuais cobertos por uma longa tira.

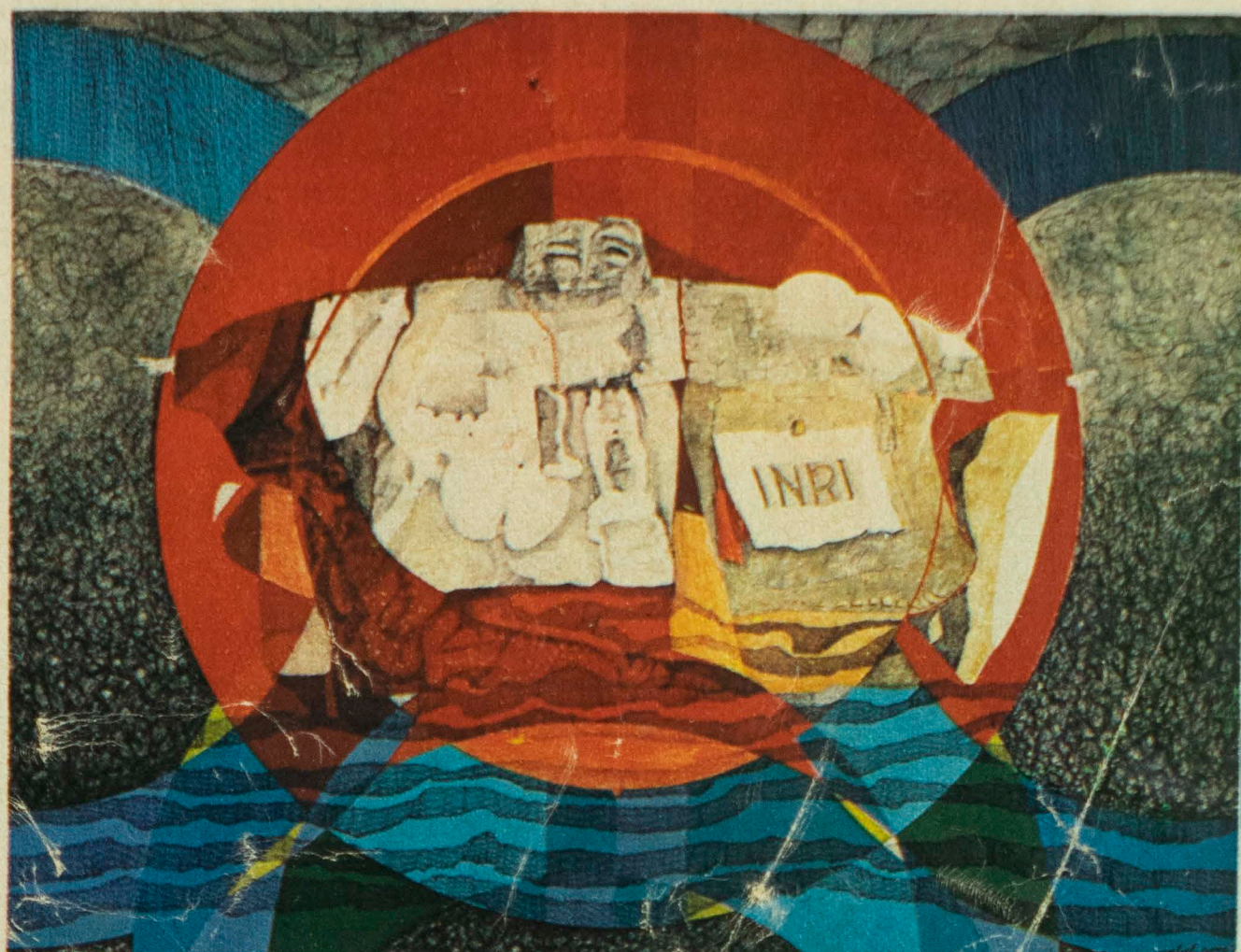
Monòtonamente — A primeira parte da exposição, logo à entrada da galeria, explica essa queda qualitativa (e temporária, espera-se) de uma artista que se distinguira até agora por um lirismo, um despojamento, um frescor inventivo e uma versatilidade técnica admiráveis. Os desenhos destoam de qualquer incursão anterior de Isabel Pons nas artes plásticas. Adotando a tinta acrílica e temas entre o surrealismo e a arte pop, misturam um Cristo despedaçado lateralmente com parte de uma casa em ruínas, um coração desenhado com minúcia clínica, um dedo acusador em riste — tudo encaixado em círculos de tinta acrílica azul, verde, cinza. Noutro desenho, um hippie igualmente decepado ao longo do corpo tem às costas um casal dançando (ela usando uma saia-balão) e embaixo uma estrutura esférica que lembra a bola do tricampeonato mundial de futebol decomposta em suas partes componentes.

Tôdas essas figuras estão monòtonamente inseridas em círculos e linhas cruzadas de um acrílico fosforescente e que pouco se harmonizam entre si.

É óbvio o esforço de ligar-se aos temas atuais, definido inclusive pelos títulos, que falam de LSD, de pegadas humanas na Lua (em inglês: "footprints on the moon"), de "Love Story" (dois pássaros vermelhos cujos bicos se tocam), de erotismo nas artes em luta contra a Censura, etc. Tudo muito "quente" mas abaixo do nível de Isabel Pons, que deveria expor com menos frequência e com maior rigor seletivo para não diminuir seu renome artístico, que é dos mais altos, num país famoso internacionalmente pela qualidade e quantidade de seus gravadores.



O jacaré brincalhão de Florita...



...e o desenho infeliz de Isabel

FOTOS ABRIL PRESS

O humor e o descuido

Na mesma galeria paulista, a Astréia, o revezamento de duas gerações, na semana passada. Fim da exposição bem-humorada de uma artista jovem, Florita, que se sente feliz por ainda estar ligada à infância. E início da exposição de gravuras e desenhos da consagrada Isabel Pons, que se descuidou na seleção de seus quadros.

Jogos da infância

Seus amigos apostam que ela mudou de casa na semana passada só para poder morar na rua Cinderela, no bairro de Cidade Jardim, em São Paulo. Florita (Aires Neto) sorri e nega qualquer relação entre os contos de fadas e sua exposição encerrada "junto com a casa velha". Uma classificação rígida a definiria como uma pintora ingênua, mas ela mesma corrige: "até certo ponto". Suas telas intensamente coloridas, de tamanho médio (preço entre 800 e 1 800 cruzeiros), têm um ar inconfundível de quarto de criança. São bichos, cubos, bonecos que falam por meio de legendas escritas a mão. Por trás da boa feitura técnica, das figuras que lembram ilustrações infantis, esconde-se uma visão ao mesmo tempo humorística e lírica da vida. "Eu desarmo a realidade a meu modo, por isso dou preferência aos cubos para simbolizarem os meus personagens na maioria dos casos." Os personagens são Cleópatra e Marco Antônio, que se namoram com intenções diferentes. Enquanto ela diz: "Sou lúbrica. Quero o poder. Sou calculista!", ele, apaixonado, se rende: "Não me importa. O que eu



Florita: um recado brasileiro

ALIPIO S. JUNIOR

quero é o teu amor". Tio Sam tenta seduzir a Estátua da Liberdade: "Eu te dou dólares, peles, poder!", ela faz um muxôxo de mulher emancipada: "Prefiro a liberdade!" Um jacaré não é um jacaré: é um bicho perseguido por todos que querem transformá-lo em bolsa ou sapato e que vai se refugiar numa floresta alegre para contrastar com sua tristeza de vítima. Os Híppies, Dom Quixote, uma Grã-fina entediada ("Tenho jóias, tenho grana, tenho tudo mas sofro de tédio") são outros aspectos dessas brincadeiras divertidas de uma pessoa que nunca se libertou, "felizmente", da infância.

Morrer pelo Príncipe Encantado — Florita conserva na pintura a mesma intenção lúdica, o mesmo lirismo da visão da criança. Um de seus heróis é a sereiazinha: "porque morreu pelo seu Príncipe Encantado". No fundo, Florita se sente um pouco como o protagonista de seu quadro chamado "O Homem que Virou Bicho-do-Mato": a poluição, o ruído, o lucro são coisas da cidade que cresceu demais, esquecendo a lição de sabedoria de Peter Pan. Seria melhor então fugir para o interior, viver em contato com a natureza, longe das fábricas, da bolsa, do trânsito congestionado. Planeja ilustrar livros para crianças assim que terminar suas pesquisas novas que vai expor na galeria Borgonuovo, em Milão, próximamente. Julga que arte é uma palavra muito importante para abranger sua pintura despreziosa. Influenciada por histórias infantis, por histórias em quadrinhos, Florita gosta muito também dos desenhistas de humor do Brasil, principalmente os mais poéticos